

CONHECIMENTO DOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE OS EFEITOS ADVERSOS DA AUTOMEDICAÇÃO

Leticia Days Cruz Lima ¹

Matheus Mesquita De Sousa²

Josemberg Pereira Amaro³

Marianna Carvalho E Sousa Leão Cavalcanti⁴

RESUMO

A automedicação é definida como a seleção e o uso de medicamentos pelos indivíduos para o tratamento de doenças ou sintomas auto reconhecidos. A automedicação é um problema antigo que ocorre a nível global, atingindo todas as parcelas da população. Objetivou-se analisar o conhecimento dos universitários sobre os efeitos adversos da automedicação. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada em uma universidade pública, localizada na cidade de Redenção, com 317 estudantes. A coleta ocorreu através do formulário eletrônico, no Google Formulário. Os dados foram tabulados em planilha do Microsoft Excel e foram analisados de forma descritiva. Participaram 317 universitários, sendo 61,82% do gênero feminino, 64,76% eram adultas-jovens, 25,33% cursavam cursos da área da humanidades, 23,34% cursavam cursos da área da Saúde e os e os outros cursos das cinco áreas de estudo da universidade outros cursos totalizaram 51,33% da amostra. Nos últimos 6 meses. 91,79% relatou uso de medicações, sendo 68,45% sem prescrição médica, 39,74% nos universitários não souberam informar a indicação do medicamento, 61,19% deles não sabiam quais eram os efeitos adversos provocados pela medicação que estavam ingerindo. Conclui-se que a maioria dos universitários faz uso de fármacos sem prescrição de um profissional da saúde, praticando a automedicação sem conhecer os efeitos adversos, que podem causar agravamentos e/ou danos à saúde.

Palavras-chave: Saúde do Estudante; Automedicação; Adulto jovem.

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde , Discente, leticiadays@aluno.unilab.edu.br¹

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde , Discente, matheus.sousamesquitaa@gmail.com²

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde , Discente, josemberg.amaro@aluno.edu.br³

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde , Docente, profamarianna@unilab.edu.br⁴

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é definida como a seleção e uso de medicamentos pelos indivíduos para o tratamento de doenças ou sintomas auto reconhecidos. A automedicação é um problema antigo que ocorre a nível global, atingindo todas as parcelas da população, principalmente países em desenvolvimento. (DE ARAÚJO JÚNIOR, 2021).

É fato que esse fenômeno é afetado pelos determinantes políticos, econômicos, sociais e culturais que caracterizam o meio ambiente, proporcionando a facilidade de compra e o uso de drogas sem controle, o que pode ter consequências em curto, médio e longo prazo, como o aparecimento de reações adversas, complicações no diagnóstico oportuno e resistência aos medicamentos. (OVIEDO CORDOBA, 2021)

Os riscos da automedicação para o indivíduo são o atraso no diagnóstico ou o diagnóstico incorreto, devido ao mascaramento dos sintomas, possibilitando o agravamento do distúrbio; a escolha do medicamento inadequado; a administração incorreta, dosagem inadequada e uso excessivamente curto ou prolongado do medicamento; a dependência; a possibilidade da ocorrência de efeitos indesejados graves; o desconhecimento das interações com outros medicamentos; reações alérgicas, intoxicações; e, ainda, o armazenamento incorreto e uso do medicamento fora de seu prazo de validade (MATOS, 2018).

Atualmente as reações adversas a medicamentos (RAMs) é qualquer resposta prejudicial ou indesejável, não intencional, a um medicamento, que ocorre nas doses usualmente empregadas nos indivíduos (Santos & Boing, 2018). Logo, são um dos graves problemas de saúde pública em todo o mundo, responsáveis por numerosas hospitalizações, pelo aumento do tempo de permanência hospitalar e, até mesmo, por óbitos. (DA SILVA LEITE, 2020) No Brasil, existem os MIPs são medicamentos aprovados pelas autoridades sanitárias para tratar, prevenir ou aliviar sinais e sintomas de condições de saúde leves e não graves.

A automedicação entre universitários tem sido amplamente estudada em países da Europa, Ásia e América do Norte. Contudo, no Brasil, ainda há poucos estudos sobre a temática. Visto que o consumo de medicamentos sem prescrição médica pode gerar prejuízos para a saúde, é necessária conscientização da população dos efeitos adversos que a automedicação pode causar (DA SILVA LIMA, 2021). Diante disto, o objetivo deste estudo foi analisar conhecimento dos universitários em relação aos efeitos adversos da automedicação.

METODOLOGIA

O estudo seguiu uma abordagem quantitativa com uma metodologia descritiva e transversal. A pesquisa ocorreu em uma Universidade Pública, localizada no interior do Ceará, no período de abril a julho de 2022. Para a coleta de dados, foi construído um instrumento de coleta de dados, disponibilizado via Google Formulário, contendo características sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, nacionalidade, curso de graduação matriculado, semestre, religião e com quem mora) e perguntas relacionadas a automedicação e efeitos adversos (HERNANDEZ; ALMEIDA NETO, 2017).

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: possuir idade entre 18 e 29 anos; e ser aluno com matrícula ativa na instituição, em um curso de graduação. Os participantes que preencheram parcialmente o questionário foram excluídos.

Os dados foram tabulados em planilha do Microsoft Excel e analisados de forma descritiva. Foram respeitados todos os aspectos éticos referentes à pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução 466/12, onde o projeto teve aprovado pelo Comitê de Ética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 317 universitários, com maior prevalência do gênero feminino (61,82%), dos cursos da área das Humanidades (25,33%) e da área das Ciências da Saúde (23,34%) e os outros cursos das cinco áreas de estudo da universidade totalizaram 51,33% da amostra. A maioria (64,76%) fazia parte da faixa etária adulta-jovens, residindo em sua maioria em cidades localizadas no interior do estado do Ceará (84,22%) e compartilhando moradia com pais e ou responsáveis (51,10%).

Nos últimos seis meses, 91,79% dos participantes, relatou realizar automedicação, sendo 68,45% sem prescrição de algum profissional da área da saúde. Sobre os efeitos adversos, 61,19% relatou que os desconheciam. Há uma certa negligência no autocuidado no que condiz a esse âmbito, contudo é necessário ressaltar também que comumente pessoas que se automedicam costumam pensar que não há mal nenhum em auto selecionar medicamentos e ingeri-los sem maiores cuidados, tal fator pode ser justificado pela falta de informações adequadas quanto às possíveis consequências que esse hábito traz consigo. (CORREIA, B de C. 2019).

A maioria dos participantes (46,66%), é do gênero feminino e relataram buscar mais informações dos efeitos adversos ao se automedicarem. Esse dado corrobora com algumas pesquisas a respeito do imaginário social onde o gênero masculino surge como um ser invulnerável, que carrega uma certa resistência no que diz respeito do autocuidado ao mesmo tempo que se expõem com mais frequências a situações de perigo, o que pode explicar que geralmente as mulheres buscam mais os serviços de saúde e consequentemente se cuidar (GOMES, 2007).

Os universitários da área dos cursos da Humanidades, totalizando 81 estudantes, apresentaram maior adesão a automedicação (64,19%) e 46,15% não buscavam informações sobre os efeitos adversos das medicações usadas. Enquanto os universitários da área da saúde, totalizando 71 estudantes, relataram menor adesão a automedicação (24,32%) e maior busca de saber os efeitos adversos que as medicações podem causar (72,97%). Isto pode ser justificado pelo fato dos estudantes da área da saúde teoricamente conhecerem os medicamentos e seus riscos (MARTINEZ et al., 2014).

Esse achado é parcialmente diferente dos estudos encontrados, a qual os estudantes da área da saúde fazem mais automedicação e informam-se dos efeitos adversos das medicações, podendo ser justificado pelo fácil acesso às informações quanto ao mecanismo de ação dos fármacos, aos efeitos adversos e combinações medicamentosas (PINTO et al., 2021; PENNA et al., 2004).

CONCLUSÕES

Conclui-se que a maioria dos universitários faz uso de fármacos sem prescrição de um profissional da saúde, fazendo uso de automedicação sem conhecer os efeitos adversos. Isto pode causar agravamentos, mascaramento de um diagnóstico clínico correto, piora de sinais e sintomas e/ou outros danos à saúde. Além disso, automedicação a longo prazo pode trazer grandes agravos para saúde, causando diversas comorbidades e complicações futuras.

É importante que campanhas sejam realizadas para divulgar a importância do uso consciente das medicações e conscientização dos possíveis efeitos adversos que seu uso pode causar a saúde quando não indicados e/ou acompanhados por um profissional da saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente aos meus guias e meus ancestrais, á minha família e amigos por serem minha base. Seguidamente, agradecer nossa orientadora Mariana Carvalho e Souza Leão Cavalcante pela paciência. Agradeço também à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa de iniciação científica (BICT) pela oportunidade de fazer pesquisa e fazer ciência.

REFERÊNCIAS

DE ARAÚJO JÚNIOR, Ayrton Galvão et al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. *Arquivos em Odontologia*, v. 57, p. 26-35, 2021. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/arquiosemodontologia/article/view/21849/26991>.

PINHEIRO, Helena Carmen Guerra; PEPE, Vera Lúcia Edais. Reações adversas a medicamentos: conhecimento e atitudes dos profissionais de saúde em um hospital-sentinela de ensino do Ceará-Brasil, 2008. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 20, n. 1, p. 57-64, 2011. Disponível http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742011000100007.

DOS SANTOS, T. S., Almeida, M. M., Pessoa, E. V. M., Pessoa, N. M., Siqueira, H. D. S., Silva, J. M. N., Silva, F. L. da, Miranda Junior, R. N. C., Rodrigues, A. C. E., Silva, A. B. S. da, Pessoa, G. T., & Sousa, F. das C. A. (2018). Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. *Scientia Plena*, 14(7). Disponível: <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2018.076501>

GOMES, Romeu, Nascimento, Elaine Ferreira do e Araújo, Fábio Carvalho de. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2007, v. 23, n. 3 pp. 565-574. Disponível em: . Epub 22 Feb 2007. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000300015>.

CORREIA B de C, Trindade JK, Almeida AB. Fatores Correlacionados à Automedicação entre os Jovens e Adultos: Uma Revisão Integrativa da Literatura. *Rev Inic Cient Ext* [Internet]. 28º de janeiro de 2019. Disponível: <https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/143>

MATOS, Januária Fonseca et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 26, p. 76-83, 2018. Disponível em : https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Preval%C3%Aancia%2C+perfil+e+fatores+associados+%C3%A0+automedica%C3%A7%C3%A3o+em+adolescentes+e+servidores+de+uma+escola+p%C3%BAblica+profissionalizante&btnG=

FARMACOVIGILÂNCIA. Boletim de farmacovigilância - Medicamentos isentos de prescrição 2020. Disponível em : <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/fiscalizacaomonitoramento/farmacovigilanciaboletins-de-farmacovigilancia/boletim-de-farmacovigilancia-no-09.pdf>.

SILVA, JAC da et al. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de

Saúde Universitário. Rev Bras Clin Med, v. 11, n. 1, p. 27-30, 2013.

DA SILVA LIMA, José Marcos et al. A prática da automedicação por universitários. Research, Society and Development, v. 10, n. 8, p. e47610817594-e47610817594, 2021. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+pr%C3%A1tica+da+automedica%C3%A7%C3%A3o+por+universit%C3%A1rios&btnG=

UNILAB. Quantitativo de estudantes referente a 12/2020 - quadro geral de discentes ativos da Unilab. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021. Disponível em <https://unilab.edu.br/dadosquantitativos/> .